

## SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

## GRANDIOSO PLANO DE ACÇÃO Os Castelos dos meus sonhos

Por Narciso José Gonçalves

Na sala de reuniões do Ministério da Economia, o Ministro dr. Cota Dias conferiu posse, nos princípios deste ano, aos novos responsáveis pelos departamentos da Secretaria de Estado da Agricultura, que têm a seu cargo os Serviços Florestais e Aquícolas, proferiu então um discurso notabilíssimo pelo arrojo da acção a emprender e a realizar com a maior urgência possível e pelas largas perspectivas que vem abrir na panorâmica da nossa vida agrícola. Essas novas perspectiva a brem uma nova etapa na vida do sector florestal, cuja reorganização e revitalização, sobretudo neste momento liminar do acordo entre Portugal e a C.E.E., assumem o maior significado.

Que objectivos visou esse discurso-programa? Demonstrar a relevância primordial do sector florestal para o desenvolvimento da economia portuguesa, ajustando melhor a utilização do solo às suas potencialidades naturais, pois é sabido que a área susceptível de utilização agrícola corresponde apenas a 28 por cento do território, isto é, a cerca de 2.500.000 hectares. E esclareceu o Ministro Cota Dias: «Encontrando-se submetida à cultura agrícola uma área muito superior, haverá que subtrair a esse tipo de exploração, para que não são aptos mais de 2 milhões de hectares de terra. A urgência de tal tarefa liga-se de perto com o cuidado que estamos a pôr na reorganização profunda do sector florestal, no qual iremos encontrar o mais importante instrumento da reconversão, evidentemente imperiosa, do agro português.»

Com essa reconversão do agro português e seu melhor e mais racional aproveitamento relacionam-se as indústrias que têm por base produtos da silvicultura, como acentuou o titular das pastas das Finanças e da

Economia, mencionando concretamente as indústrias corticeira, da pasta de papel e celulose, produtos resinosos, madeiras de pinho.

A indústria corticeira ronda já hoje os sete milhões de contos e apresenta tendência para subir e é considerada uma indústria forte e estável, assegurando-nos a posição de primeiro país produtor. Nela se ocupam mais de quinze mil operários.

Quanto à indústria da pasta de papel e celulose, declarou o dr. Cota Dias, «é conhecido o ritmo rápido da sua expansão, que faz prever que das 700 mil toneladas actuais de capacidade instalada ou em instalação atinja o milhão e meio em prazo pouco mais amplo que o do próximo Plano de Fomento.» As pastas celulósicas excederam já, em 1971, um milhão e trezentos mil contos e número quase igual atinge o somatório dos valores exportados de madeira em bruto, serrada e em obra, se os somarmos com os da promissora exportação de madeira reconstituída em placas.

Também os produtos resinosos — no mundo em que as substituições tanto progredem — têm nos últimos anos ultrapassado os 700 mil contos de exportação.

A todos esses produtos virão abrir mais largos horizontes os recentes acordos com a C.E.E., que darão ainda maior impulso às exportações de produtos florestais e seus derivados. E o Ministro da Economia afirmou: «Se se considerar o conjunto formado pela cortiça em obra e em manufacturas, pelos resinosos, pela madeira serrada e em aglomerados e pela pasta para papel, verifica-se que aquela contribuição tem representado ultimamente cerca de 17 por cento da exportação

total portuguesa, atingindo, em 1971, valor aproximado dos 5 milhões de contos, podendo dizer-se desde já serem favoráveis os números a ela referentes em 1972. No ano transacto, é curioso referir, um dos componentes desta exportação, a portuguesíssima cortiça, vencendo todas as crises que a têm ameaçado, ultrapassava pela primeira vez e já em fins de Novembro, o valor de dois milhões de contos.»

O dr. Cota Dias indicou depois as principais providências a adoptar pelos Serviços Florestais e Aquícolas para protecção e valorização do agro português tendentes à arborização dos terrenos baldios, protecção contra incêndios e pelo combate à exploração desregrada de pinhais e eucaliptais e pela divulgação de técnicas mais apropriadas.

Colaborem todos afinadamente, conscientemente, com os responsáveis na valorização das nossas riquezas naturais, que são património de todos nós.

M. V. G.

## No Governo Civil

Os srs. drs. Paulo Macedo, Artur Macedo e João de Sousa Fernandes, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara e presidente da Comissão Concelhia da A. N. P., estiveram, na passada quarta-feira, a conferenciar com o Chefe do Distrito, tratando de assuntos do maior interesse para o Concelho.

No agradável e proveitoso encontro foram traçadas directrizes, a longo prazo, sobre o futuro do Concelho.

Sonhar é fácil, diz o rifão. E, talvez por isso, haverá quem jamais tenha sonhado? Julgo que não. O sonho faz parte da própria vida e transporta-nos como que por encanto a mundos de rara e sedutora beleza. E, conquanto irrealis, quantas vezes são o princípio das grandes e notáveis arrancadas para as realizações de vulto, convertendo-se, porventura, em mundos de autênticas realidades!

E a gente sonha com as mais díspares e desconcertantes coisas!... Quando acorda, vê-se prostrado aos pés da desilusão, talvez cansado das convulsões que o sonho lhe provocou, arrependido, se possível, de ter sonhado, firmando propósitos de «não mais sonhar», mesmo que seja com castelos... Os castelos! Quem os não conhece naquela sua esquadria rija de pedra morena a desafiar os séculos? Como surgiram essas construções que albergaram fadas e mouras encantadas, e se tornaram célebres através dos tempos? Foi na chamada Idade Média. Em toda a Europa, mórmente nos Países Gálicos, formou-se uma classe social de privilégio — os senhores feudais!

Os feudos, constituídos por vastas áreas de terreno, tinham o seu castelo em que morava o senhor soberano. Eram, por assim dizer, o centro de gravitação de toda uma população que lhe estava submetida, pois à sua volta se formara e crescera, originando vilas e, até, cidades.

Eram de muito respeito esses senhores feudais que, gozando de enormes prerrogativas, viviam com todo o requinte nesses belos e esplendrosos castelos duma idade que passou.

Para Portugal também vieram por essa influência mediaeva os tão decantados e, por vezes, sombrios castelos, quase sempre implantados fora das povoações, como cenobitas a viver no ermo, escondidos no burel negro da sua austera Ordem, hoje, na maior parte, abandonados e cobertos de musgos, líquenes e heras. Mas seja como for, são ainda o pregão imorredouro de ilustres fa-

mílias que viveram a sua época de sonho e mística social próprias.

Quando eu era rapazinho e avistava ao longe esses castelos, perguntava, na minha curiosidade infantil, a quem estivesse perto de mim, que casa era aquela de forma tão bizarra. E bem me lembro de ouvir dizer que era casa de fadas e de mouras encantadas. E todo eu tremia de pasmo e de medo, não fosse acontecer alguma desgraça se um dia tivesse de passar por lá!... Oh quem me dera acreditar em fadas e poder sonhar ainda com mouras encantadas nesses castelos velhi-

«Continua na 4.ª página»

## 5.ª COLUNA

«É assim, o Elísio Gonçalves» — lê-se na nossa «Tribuna» de 13 do corrente. É tão forte e prestigiosa a afirmação que eu digo «Somos assim!». E quando digo *somos*, não é gabarolice, é a verdade nua e crua — como diria o Eça — à vista de todo o Leitor no nosso Jornal.

Elísio Gonçalves quando tem a dizer, diz! Seja a bem ou a mal. Naturalmente como todos tem as suas maldécências, que os que enfiar a carapuça não gostam. Paciência, que aguentem. Nós, os que escrevemos a sério, arrostamos com a responsabilidade das afirmações. Mas, para isso, é preciso coragem, e essa só progride, o que quer dizer que existe desde a tal responsabilidade que se assumiu. Não é o facto de ser velho, ou avehentado que nos dá o prazer de dizer mal ou bem dos outros. Já é tradicional. Eis porque sinto-me diminuído com a gíria duns tantos indivíduos novos, que se dizem incapazes de desencorajar um velho, só pelo facto do indivíduo o ser. Não! Que se respeitem os velhos é justo. Isso vem da escola antiga em que os professores, a primeira coisa a ensinar era ter respeito pela velhice. Dá a impressão que é

«Continua na 4.ª página»

# S. Braz em Rendufe Misericórdia...



**No dia 4 do próximo mês de Fevereiro**

**Do variado programa salientamos:**

*Participação da Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares que, com o novo Mestre, deliciará os forasteiros durante todo o dia em coreto próprio.*

*Magestosa procissão.*

*Grandioso Bazar de Prendas.*

*Grandiosas sessões de fogo encerrarão as festividades em honra de S. Braz.*

**Todos a Rendufe no próximo dia 4 de Fevereiro.**

É muito antiga a Misericórdia de Amares. Nos momentos difíceis dessa Instituição foi o Dr. Eduardo Gonçalves quem gratuitamente prestou todos os serviços clínicos prestando assistência clínica a milhares de pessoas que se derigiam à pobre e caridosa casa que hoje respira uma atmosfera hospitalar com recursos e ambiente que seduz os novos discípulos de Pasteur. É simpática a atitude da concorrência clínica porque só ela está habituada a resolver os problemas sanitários e aqueles que directamente atingem os enfermos.

O que não parece nada simpático é excluir da Direcção Clínica desse departamento das fileiras hospitalares, o verdadeiro alicerce desse exército que continuaria apenas preso ao quartel pelo amor que lhe devota e pela grandeza que atingiu, que é muito ou quase tudo do seu sacrifício.

Poupar a vida do semelhante não é só dar-lhe remédios para a saúde física, é também necessário o conforto moral para evitar as suas tristes consequências na alma de quem trabalhou uma vida para a felicidade dos outros.

Um Observador

**EM BRAGA**

**PREFIRA**

**RESTAURANTE AVENIDA**

**DE**

**Eugénia Ferreira de Oliveira Machado**

**e**

**Manuel Gomes Machado**

**Almoços, Jantares, Serviço de Casamento**

**e à Lista**

**Avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga**

## AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

Dolores não estava na estação.

—Minha querida mãe!—exclamou Mário, abraçando-a, enternecidamente:

E, com ansiedade, perguntou:

—E a Dolores?... Está doente?...

—Filho da minha alma!...—foi a resposta da mãe, ao mesmo tempo que beijava e acariciava o seu único filho, com os olhos cheios de lágrimas.

Era inaudito, doloroso, incompreensível.

Mário não podia crer, nem admitir aquela ausência da mulher amada. E então pareceu-lhe ter ainda nos ouvidos a quadra que ouvira cantar a bordo, e as palavras do velho marujo, que tanto o haviam magoado. Seria certa a canção... Dolores tê-lo-ia atraído?

Não podendo, porém, por mais tempo suportar a dúvida cruel que o atormentava, e faltando-lhe a coragem para voltar a interrogar a mãe, Mário demorou-se em casa apenas uns escassos minutos e despedindo-se dela, saiu em busca de Dolores, roído por uma acerba dor. Dirigiu-se então à porta do estabelecimento onde a sua noiva estava empregada.

E, talvez para iludir-se a si próprio, monologou: «—Quem sabe?... Talvez que não a deixassem sair!»

Pobre rapaz!... Queria enganar-se a si mesmo. Era a hora da saída do trabalho. Começaram, então, a desfilar as raparigas: caixeiros, operárias, dactilógrafas, etc.. Algumas, reconhecendo Mário, cochichavam entre si, afastando-se rapidamente. Mário, morto de impaciência, cravava os olhos em todas, esperando descobrir o rosto enesquecido da sua bem amada Dolores.

Não a viu porém. Saiu todo o pessoal. Sairam os chefes, apagaram-se as luzes, ouvindo-se o ranger das chaves e dos ferrolhos. Fechara-se o estabelecimento. Um dos guardas, tendo-o reconhecido, perguntou:

—O senhor espera pela Dolores?

—Espero, sim, senhor.

—Então, o melhor é esperá-la «sentado» — disse com ironia.

E, quando Mário ia a pedir-lhe uma explicação, o desalmado guarda desapareceu, fechando a porta. Mário, livido, desmoralizado, abatido, ficou a olhar essa porta, através da qual soaram gargalhadas de troça.

Fora de si, o pobre rapaz dispunha-se a bater, a arrombala, até, com o fim de inquirir da razão daquelas gargalhadas, quando uma mulher já entrada em anos, de cabelos brancos, de nariz largo e afilado, cujos olhos negros brilhavam através da escuridão da rua, levando aos ombros uma espécie de manto negro que e cobria até aos pés, lhe disse, em voz baixa e misteriosa:

—Se quer saber a verdade, vá imediatamente, sem perder tempo, a casa de Dolores. Lá lhe explicarão tudo.

(Continua no próximo número)

**«A RIVAL» — CASA DE PASTO**

**DE**

**ERNESTO VIEIRA**

**Telefone 62247**

**Especialidade em:**

**Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado**

**(Rancho às segundas-feiras)**

**Todos os dias refeições económicas**

**Esmerado serviço em:**

**Casamentos e Baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.**

**Para bem servir, só «A RIVAL»**

**Rua Marques Rego**

**F. Nova — Amares**

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### PROGRESSO

Amarenses caminha a passos largos para um futuro que garante a estabilidade do seu progresso e a felicidade ambicionada pelos seus filhos. A Tribuna Livre tem registado os factos mais notáveis de uma história em que só se pode acreditar quando aparecer no palco os argumentos dos factos que ocupam as colunas do único jornal que nos apresenta o esforço dos homens combinados para pôr em andamento uma máquina emperrada pela ferragem de uma política mesquinha, doença crónica de que enfermam muitas terras de Portugal sem poderemos deixar de levar em conta este abençoado torrão Amarense que tem sofrido as graves consequências dos despotismos.

Ligado por natureza ao concelho, só me preocupa o seu progresso em todos os recantos e a amizade dos seus habitantes. E se assim por todos tivesse sido entendido o «modus vivendi» da sociedade, Portugal maior teria sido e Amarenses marcaria outra posição.

Das cinzas queimadas há tantos anos ressurgiu agora um Mundo Novo dedicado a uma juventude crente na força da união para que possamos mostrar o resultado do aproveitamento da instrução que nos foi oferecida, para poder resistir à apatia, a nossa própria destruição.

Temos deante de nós tarefas a cumprir que envolvem a responsabilidade de toda a gente que deseja honrar a Pátria e a família.

Desenvolve-se um notável progresso nesta terra Amarense que terá importantes reflexos no seu futuro.

Olhemos com carinho para o Ciclo Preparatório, para o hospital da Misericórdia, para os novos estabelecimentos comerciais e indústrias e para o resto que virá a seu tempo e também olhemos com gratidão para os homens envolvidos com sacrifício em tantos trabalhos movidos apenas pela devoção à terra onde nasceram.

Quero vincar aqui mais uma vez a minha admiração pelo esforço feito para conseguir-se a fundação da Cooperativa Agrícola e agradecer ao dr. Tomás Gonçalves de Andrade e dr. Joaquim Pereira da Silva figuras inconfundíveis no meio social, pela sua capacidade e honestidade para que ninguém duvide do êxito de uma empresa que vai salvar os lavradores do concelho das dificuldades que encontram para o

amanho das suas terras.

Os contratos feitos com nações estrangeiras através do mercado internacional dos seis realizado em Bruxelas, exige um esforço agrícola aos portugueses que não admitem isolamentos para não morrerem asfixiados.

O enriquecimento de Portugal Agrícola depende da sua industrialização.

O Japão fechou contratos com Portugal com vários produtos que nos obrigam à criação de cooperativas para preparar os produtos a exportar, não nos esqueçamos que o mercado nacional não pode oferecer o que desejamos: Valorização e colocação imediata daquilo que a terra nos oferece.

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carragedo Amarenses

### D. Adelina Feio Fajardo Marques Rego

Desapareceu do rol dos vivos com 97 anos de idade a esposa do farmacêutico e grande político sr. Augusto Marques Rego.

O seu funeral teve larga e seleta assistência em obediência aos actos de bondade de que era possuída a saudosa macróbia.

A família enlutada que tanto acarinhou a falecida para lhe conservar a vida, não teve esse gosto satisfeito. Ao grande pesar que a assistência manifestou junta-se o da Tribuna que manifesta ao sr. Domingos Rodrigues e esposa D. Madalena, o seu grande pesar.

### BARREIROS

#### ANIVERSÁRIO Daniel de Sousa

Amanhã, dia 28, festeja o seu aniversário natalício o jovem, nosso colega de trabalho, Daniel Machado de Sousa, natural de Barreiros.

Por tão alegre data, seus colegas, juntamente com toda a sua família, desejam-lhe que passe um dia feliz e que esta data se repita por anos sem fim.

Parabéns

### Vida elegante

## Aniversários

#### Fazem anos:

No próximo dia 1 passa o aniversário natalício do sr. Júlio Pereira.

Neste dia festeja também o seu aniversário o sr. Dr. Frederico Pedroso Colona, residente no Rio de Janeiro-Brasil.

No dia 2 a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Cândida Pedroso Colona.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

## Aniversário

Na próxima segunda-feira passa o aniversário natalício da menina Maria Teresa de Jesus Gonçalves, filha do sr. Augusto Vitoriano e da sra. Carminda Gonçalves, nossos



assinantes. Desejamos-lhe que passe um aniversário muito feliz junto de todos os seus familiares.

## Aniversário

A Sra. Maria de Araújo do lugar de Urjal da freguesia de Seramil do concelho de Amarenses, completou 99 anos no dia 15 deste mês, nasceu em 15 de Janeiro de 1874 na freguesia de S. Pedro de Balbom concelho de Vila Verde.

#### Leia

#### Propague e assine

«Tribuna Livre»

## POR CAIRES

No pretérito dia 13 do corrente, realizaram o seu casamento o jovem Joaquim Pinheiro Fernandes e a menina Maria do Sameiro Cunha Antunes, ambos naturais e residentes nesta freguesia. São filhos estremecidos: ele, do Senhor João Baptista Fernandes e D. Cândida da Silva Pinheiro e ela, do Senhor Manuel Antunes e D. Maria da Piedade da Cunha.

Finda a cerimónia litúrgica, que teve lugar na nossa Igreja Matriz, na casa dos pais da noiva foi servido, aos numerosos convidados e amigos, um bom e bem preparado almoço que, ao pospasto, ofereceu pretexto para, em improvisados brindes, saudarem os recém casados e seus progenitores, todos muito queridos e estimamos no nosso meio, entre outros, o Rev.<sup>o</sup> P. e Luís, amigo íntimo da família. O pároco não compareceu, mas, também, não foi lembrada a sua indesejável presença pelas suas irreverências.

\* \* \* \* \*

Também no último sábado, dia 20, se uniram em matrimónio na nossa Igreja, o jovem Manuel António Dias Pimenta e a prendada menina Delfina de Lourdes Almeida Coelho, aquele natural de Figueiredo e esta, de Caires, ambos deste concelho.

O nubente é filho muito querido do Senhor Alberto Augusto Pimenta e de D. Deolinda de Jesus Dias e a nubente filha idolatrada do Senhor António Joaquim Coelho e de D. Arlinda da Silva Almeida.

O almoço realizou-se no restaurante da Abadia para onde todos se dirigiram, finda a parte religiosa Felicitou o nóvel casal o Sr. P. e Luís (os Pais do noivo foram casados pelo referido Rev.<sup>o</sup> P. e Luís e o noivo também foi baptizado pelo mesmo sacerdote) que, por isso, o estimam e respeitam. Não obstante, o pároco da noiva impôs-lhe esta desmiolada exigência: «Se o P. e L. for convidado e assistir ao almoço, não irei eu». E assim aconteceu, mas, felizmente, nem foi notada a desejada ausência do Senhor Abade de Caires. Na ocasião das fotos, nas escadas do adro paroquial, armou ao ridículo e, mais uma vez, praticou uma das suas muitas «gracinhas», sem gosto, que mereceu a censura dos convidados das diversas freguesias e, assim, concretamente, ficaram a ajuizar da perigosa parvoalidade de Caires. Mas há mais e piores...

Lamentamos estar mal servidos e entregues às birras de um candidato a manicomial. Para bem de todos e especialmente das inocentes crianças, bom seria que procedesse com mais equilíbrio e afeição, mas a caridade impõe: fiquemos por aqui.

A estes novos casais apeteçamos as maiores venturas num futuro longo, próspero e abençoado pelo Céu.

Cronista Agridoce

## AVISO CONVOCATÓRIO

PAULO BARBOSA DE MACEDO, presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Bombeiros Voluntários de Amarenses:

Nos termos e para os efeitos do disposto nos estatutos da Associação dos Bombeiros Voluntários de Amarenses, convoco a Assembleia Geral desta Associação a reunir em sessão ordinária no dia 11 de Fevereiro próximo, às 11 horas, na sede da mesma Associação, com a seguinte ordem do dia:

- 1.º—Discussão e aprovação do relatório e contas desta Associação referente ao ano findo de 1972.
- 2.º—Eleição do vice-presidente e vogal da direcção por se terem ausentado os titulares.

Se na hora designada não estiver a maioria dos associados reunirá uma hora depois com qualquer número.

Amarenses, 24 de Janeiro de 1973.

O Presidente da As. Geral,

# FUTEBOL

## Campeonato Regional da II Divisão

### NINENSE, 2 - F. C. AMARES, 0

#### Vitória justa dos locais embora com o 2.º golo oferecido pelo árbitro

Deslocou-se no passado domingo a Nine a nossa equipa para ali defrontar o clube local em jogo que contava para o campeonato regional da II divisão da A. F. de Braga. Aguardava-se um bom resultado para o nosso representante já que era habitual ali realizar boas exhibições. Desta feita porém, tudo saiu ao contrário das previsões, pois para além da derrota sofrida fizemos o pior jogo da época. Houve jogadores com rendimento muito abaixo do normal e outros que recusaram a luta, não dando o melhor do seu esforço, o que é de lamentar. Nem o facto de Janela ter alinhado em deficientes condições físicas a resentir-se da lesão sofrida com o Celeirós, o que obrigou o nosso treinador a manter-se num curto espaço de terreno, evitando grandes corridas, justifica semelhante fracasso. Se a nossa equipa tivesse rendido um pouco mais, não teria saído do campo do Ninense derrotado, o que aconteceu pela primeira vez, no confronto entre os dois clubes.

A vitória do nosso adversário está certa. Não realizou o Ninense um bom jogo, bem pelo contrário, mas foi na verdade a equipa que mais lutou pelos 2 pontos. Podíamos ter marcado na primeira parte precisamente no período em que jogamos pior mas os nossos avançados não foram suficientemente expeditos na zona de remate. Na segunda parte melhoramos tecnicamente mas continuamos a pecar por não atirar ao golo. Com esta derrota agravou-se a nossa situação na tabela classificativa. Deve no entanto aceitar-se este resultado como um acidente próprio dum jogo de futebol. Não foi este desaire que afectou a nossa posição. Os pontos perdidos em casa, nas circunstâncias que todos conhecemos é que estão a pesar fortemente nas nossas aspirações. Perdeu-se, paciência. O que é necessário é não perder a cabeça nem a calma. Bem sabemos que o público não gosta de perder. Compreendemos perfeitamente o seu desgosto mas o desporto é assim mesmo e temos de o encarar tal qual ele é.

Estas derrotas trazem graves consequências financeiras para o clube, pois começa a haver um certo desinteresse.

É velho o ditado: nas horas más é que se conhecem os amigos e os amigos do clube saberão compreender e analisar os porquês destes dezares e estamos convencidos que o clube poderá contar com a sua ajuda e o seu carinho. O bom desportista saberá corresponder na hora H e nosso público tem dado provas mais que suficientes de que sabe ser desportista e encarar as realidades.

Pensamos no próximo jogo com o Ronfe e tenhamos esperança que o mau tempo passará. Se todos nós mantivermos unidos público, direcção e jogadores) temos a certeza que ainda marcaremos presença honrosa neste campeonato.

Para este jogo apresentou a nossa equipa a seguinte constituição: Leandro; Veioso, Janela, Cardoso e Gonçalves; Quim e Dr. Janela; Manuel António, Evangelino, Zé João e Carneiro.

#### PRÓXIMA JORNADA

AMARES — RONFE  
NINENSE — VILAVERDENSE  
FERREIRENSE — A. BAULHE  
TADIM — PALMEIRAS  
OLIVEIRENSE — SEQUEIRENSE  
MOREIRENSE — CELEIRÓS

#### CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
MOREIRENSE	4	3	1	0	10	1	7
CELEIRÓS	4	3	1	0	7	2	7
NINENSE	4	2	2	0	5	3	6
SEQUEIRENSE	4	1	3	0	2	1	5
TADIM	4	1	3	0	5	4	5
VILAVERD.	4	2	1	1	5	2	5
PALMEIRAS	4	2	0	2	6	4	4
AMARES	4	1	0	3	3	7	2
FERREIRENSE	4	0	2	2	7	9	2
OLIVEIRENSE	4	1	0	3	4	9	2
RONFE	4	1	0	3	2	5	2
A. BAULHE	4	0	0	4	0	12	0

# Os castelos dos meus sonhos

(Continuado da 1.ª página)

nhos!... Mas o tempo passou e eu cresci, como é natural. Que pena é perdermos a simplicidade e candura dessa criança inocente que fomos! Mas o tempo é inexorável na sua acção demolidora. Só o espírito perdura e é indiferente ao tempo, porque se assemelha com Deus.

O sonho, no seu tecnicismo psicológico, é qualquer coisa — talvez um estado de alma — que durante o repouso nocturno, sobretudo nas noites velhas de inverno, nos acarreta pesadelos e nos transforma em visionários de acontecimentos agradáveis e desagradáveis, mas que, na realidade, são como bolas de sabão. Nos sonhos, diz o povo, não há firmeza. Mas sonhar é bom!...

Deus dotou o homem, que não qualquer animal, do poder extraordinário da imaginação. Imaginar, se me permite, caro leitor, é «sonhar acordado» Penso mesmo que, quando se imagina a

## 5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

a única coisa a fazer quanto à Educação. Não! O respeito tem de ser mútuo. E, além disso, sagrado para toda a gente. Se a Educação se torna especializada e não generalizada, está mal contida na ambiência cultural.

Por isso, não venham com respeitabilidade só pelo motivo do indivíduo envelhecer. Ninguém é velho. Conheço rapazes — rapazes mesmo — mais velhos do que eu. E eu não sou novo. Sou bastante gasto, mas o meu optimismo, a minha maneira de ser, representa algo de juventude. Ou de JUMENTUDE — se quiserem! Seja como for, alegro-me por ter entrado do íntimo do meu confrade Elísio Gonçalves, a quem faço juz da sua Juventude embrenhando-me nela, já que poucos menos anos tenho que aqueles que passou na sexta-feira da semana passada. Pois que passe mais alguns e não me importo de que seja ele a fazer o meu panegírico quando a tal Parca se abeirar de mim. Até porque espero que o meu querido Confrade me trate da saúde como trata da «Saúde moral» pública.

E um abraço, com as minhas desculpas para o Leitor que para a semana terá o tal «Riídículo» em pilulas, como prometi.

Esta semana era impossível, pois o tratamento é outro...

EME ABRIL

sério, ficamos ensimesmados, alheios ao que à volta de nós se possa porventura passar. E porquê? Porque há uma espécie de mutação de um mundo real — o que vivemos — para outro bem diferente.

No sonho choramos de dor e rimos de alegria. Executamos as maiores proezas que, a frio, digamos assim, éramos incapazes de fazer. Recordo-me, até, daquele amigo que, em sonho, sulcava o mar encapelado em todos os sentidos e direcções como se fora navio gigante à prova de tempestades, porque, na véspera, fizera uma

refeição «gigante» de bacalhão... produto de digestões atrasadas! E aquela donzela de palmo e meio que, também em sonho (só assim se explica, a menos que fosse uma Joana d' Arc ou Catarina da Rússia) das ameias do seu castelo destroçara, apenas com dois gestos de ira incontáveis legiões hostis que lhe queriam levar o seu amado?! O sonho faz coisas mirabolantes, mas só em sonho!...

Pois bem, caro leitor! Já que a vida é um sonho, vamos pedir a Deus que nos deixe sonhar até velhinhos.

# ...NÃO TOMA ANDADURA

## Espanto? Não.

Há coisas que acontecem, como sequência natural dos factos. Outras não o são. Aí está a boa ou má vontade do homem.

Seria inconcebível que, em pleno século vinte, alguém impedisse a criação de escolas. Mas, embora alguém o dissesse, isso na realidade, não acontece, antes pelo contrário se procura a criação de mais e melhores.

A freguesia de Goães está servida por uma escola que não satisfaz, de modo algum, não só em espaço, como em instalações sanitárias as necessidades da freguesia. Urge e o mais depressa possível, conseguir outra que satisfaça, e em melhores condições as suas necessidades. Para remediar formou-se, e muito bem, no salão paroquial. No entanto, não sei por que razão, pôs-se também a hipótese da Sala das Almas que faz parte do bloco da Igreja paroquial e com janelas para a capela-mor da Igreja.

Analizando a última hipótese, veremos:

—Não agrada, de maneira alguma, a um povo de tradições e mentalidade extremamente religioso, que num bloco único funcione uma Igreja e uma escola.

—Não acho razoável que numa sala com janelas para a Igreja, possa estar a funcionar uma aula, ao mesmo tempo que se pratica um acto de culto. Pergunto eu: Seria isso proveitoso para as crianças, mesmo que aconteça poucas vezes?

—Finalmente, numa sala com tão pouca luz, como é o caso da supracitada, não é aconselhável para a vista das crianças que a vierem a frequentar.

Vejamos agora a hipótese do salão paroquial:

—Este salão é utilizado sómente quando há uma sessão recreativa na freguesia, o que raramente acontece, passando o resto do tempo fechado, sem qualquer utilidade.

—É muito amplo e com condições aceitáveis para uma sala de aulas.

—Embora tenha pouca luminosidade, seria extremamente fácil a abertura de algumas janelas, melhorando não só para instalações escolares, como também para salão paroquial.

—Seria, tal coisa, do agrado da grande maioria da freguesia e daria utilidade a um salão, que de pouco ou nada tem servido.

Concluindo, pergunto:

Porque haverá tanta oposição pela segunda hipótese que, sem dúvida, seria a melhor em todos os aspectos? Cuidado pessoal? Não sei. Terá na realidade, menos condições que a sala das almas? Se as tem, porque foi utilizada para a recepção do Excelentíssimo Senhor Governador, quando havia instalações mais condignas para o receber?

É pena que num mundo de abertura como é o nosso haja quem se feche no seu egoísmo e nos seus caprichos não aproveitando as suas qualidades válidas, para fazer valer o bem servir a comunidade. Só quem não quer compreender ou então tem vontade de fazer insinuações perigosas poderá afirmar que em pleno século vinte haja alguém que impeça a criação de escolas, quando, pelo contrário, se quer promover, mas em melhores condições e no agrado de todos.

Manuel António